

O HERALDO

Avença

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRETORES E PROPRIETARIOS: — LYSTER FRANCO E JOÃO PEDRO DE SOUSA

Administrador, — J. P. Sousa — Editor, — L. Franco

Publica-se ás quartas e sabados

Redação, administração, composição e impressão

Tipografia Democratica, Rua 1.º de Dezembro — FARO

ASSINATURAS: — Trimestre 500 réis — COMUNICADOS E ANÚNCIOS: — Cada linha 20 réis. Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial. Publicam-se todas as informações de interesse geral.

POLITICA NACIONAL

A integridade das nossas colonias DECLARAÇÕES DO SR. MINISTRO DOS ESTRANGEIROS

Por ser um documento da mais alta importancia, archivamos hoje nas colunas do *Heraldo* o patriótico discurso proferido pelo illustre ministro dos negocios estrangeiros, sr. dr. Antonio Macieira, na memoravel sessão parlamentar de 24 de fevereiro findo, em resposta á seguinte interpelação do deputado sr. dr. João de Menezes, antigo ministro da Marinha:

«1.º—Sobre as negociações relativas ao projeto de tratado de commercio e navegação entre Portugal e Inglaterra.

2.º—Sobre os boatos tendenciosos de que se tem feito eco diversos jornaes estrangeiros relativos a pretendidas negociações entre a Inglaterra e a Alemanha respeitantes a interesses portuguezes.

«Interpela-me o illustre deputado sr. dr. João de Menezes sobre dois assuntos que muito interessam o Governo e a opinião publica.

Muito grato a v. ex.ª pelo ensejo que me proporciona de fazer declarações perentórias sobre esses dois assuntos e congratulando-me pelo espirito patriótico que o anima na sua interpelação, que de resto preside sempre a todos os seus atos e palavras, passo a responder-lhe concretamente.

A primeira pergunta respondo que, como se pode verificar dos documentos existentes no meu Ministerio, nem o Governo da Republica Portuguesa nem o da Nação Inglesa tem protelado, depois da implantação da Republica, as negociações sobre o projeto de tratado de commercio e navegação com o Reino Unido.

Pretendeu até o sr. dr. Bernardino Machado, quando Ministro dos Negocios Estrangeiros do Governo Provisório, estabelecer com a Inglaterra um *modus vivendi* como estabelecera com a França e a Italia.

Tendo-se preferido um tratado a esse processo de mais rápida celebração, as negociações continuaram nesse sentido.

Logo que assumi a pasta dos Negocios Estrangeiros, em janeiro ultimo, comecei de estudar este assunto que, por ser muito complexo e envolver delicados detalhes de carater tecnico, exige muita atenção e tempo.

Em 17 do corrente mez de fevereiro tive a honra de enviar uma longa nota á Legação de Inglaterra fazendo sobre o contra-projeto inglez as considerações que o estudo dele me aconselharam.

Quanto ao segundo assunto da interpelação do illustre Deputado, cumpre-me responder o seguinte:

Efetivamente a imprensa estrangeira fez-se eco de boatos, manifestamente tendenciosos, a respeito de interesses portuguezes, sobretudo colonias. Falou-se numa conferencia que se realisaria na

Haia depois de decidida a questão balcânica, por proposta da Inglaterra entendida com a Alemanha, conferencia a que assistiram outras nações diretamente interessadas, por seus dominios, nas questões africanas. Duma maneira geral, atingir-se-iam, no dizer de taes noticias, os nossos interesses, integridade e soberania. Falou-se, além disso, em negociações especiaes só entre a Inglaterra e a Alemanha, ainda sobre assuntos colonias que nos afetariam.

Oponho a taes noticias falsas, duma vez para sempre, o mais formal e categorico desmentido.

Não deve a opinião publica portugueza preocupar-se com fantasias de jornalistas, nem com certos processos de inimigos da Republica, que mais condenaveis são quando empregados por quem se diz portuguez.

Com o expresso assentimento dos gabinetes de Londres e Berlim, confirmo as declarações do meu illustre antecessor dr. Augusto de Vascellos, feitas nesta casa do Parlamento na sessão de 15 de março de 1912, e faço ainda ao meu paiz as seguintes e categoricas declarações:

1.º—O governo inglez não pensou nem pensa em provocar ou aceitar qualquer conferencia internacional sobre assuntos colonias.

2.º—O governo inglez reconhece que os seus sentimentos para comnosco, seus aliados, não lhe permitiam fazer qualquer tratado, convenção ou acordo de natureza analoga, que dalgum modo afetasse a nossa soberania ou integridade e as nossas colonias.

3.º—Não existe entre a Inglaterra e a Alemanha qualquer tratado, convenção ou acordo daquela natureza, nem quaisquer negociações pendentes nesse sentido.

4.º—O governo alemão não se occupa da realisção de qualquer conferencia internacional para tratar de assuntos colonias e repele a ideia de que haja pensado em afetar por qualquer forma os nossos direitos de soberania.

Eis as declarações que me cumpre fazer em satisfação do patriótico desejo do illustre Deputado.

Ficam feitas por uma vez estas declarações que satisfazem o mais exigente, pois não podemos adotar como sistema o desmentir boatos e manobras que tanto podem vir de ignorantes audaciosos como de ruins e vis pessoas que se occupam em explorar a ingenuidade dos bons patriotas.

Tenho dito.»

Reproduzindo este belo discurso do illustre ministro dos negocios estrangeiros, *O Heraldo* congratula-se pelo desmentido e julga ter cumprido o seu dever.

NOTAS E COMENTARIOS

Dr. Afonso Costa

Amanhã, 6 do corrente, passa o seu quadragessimo segundo aniversario natalicio o illustre estadista, atual presidente do governo.

Ao lutador insigne que tão laboriosamente tem trabalhado na grande obra do resurgimento da Patria Portuguesa, o *Heraldo* envia as mais calorosas felicitações e formula os seus mais ardentes votos para que uma tão festiva data se repita por muitos anos.

Nesta saudação, tambem temos a honra de apresentar a S. Ex.ª as saudações de todo o Partido Republicano Portuguez do Algarve.

Transcrições

O nosso presado colega a *Folha de Beja* reproduziu no seu ultimo numero a interessante novela *Historia Simples*, de Lyster Franco.

Tambem o nosso presado colega *A Folha do Sul*, de Montemor, transcreveu do *Heraldo* no seu ultimo numero a *Psicologia do intrujão*.

Agradecemos, reconhecidos, a cativante gentileza.

As japonezas

Entre todas as mulheres do mundo, só as japonezas não occultam a idade. O numero de anos das subditas do celeste imperio lê-se-lhes no feito do penteado. Os penteados designam tambem as solteiras, as viúvas consoladas e as inconsolaveis. A idade de um bebé reconhece-se successivamente nas variantes do penteado. Primeiro uma madeixa caída na nuca, em seguida um anel rodeando o alto da cabeça, e por ultimo uma franja assente na testa e o resto da cabeça rapada á escovinha. As meninas de nove anos usam os cabelos entrelaçados de crepe escarlata e pregados em semi-circulo na parte inferior da cabeça, tendo pendentes na frente dois aneis de cabelo. As raparigas solteiras arrepiam o cabelo e pregam-no, entrançado no alto da cabeça, em feito de leque ou borboleta, adornando essa arquitetura de cadeias de prata e bolas ricamente coloridas. Uma viúva, com aspirações a segundo marido, reúne os cabelos em aneis, na parte inferior da cabeça, e prega-lhes um pente de tartaruga, colocado horizontalmente. A viúva que não quer dar substituto ao defuncto, corta os cabelos curtos e penteia-se para traz, sem nenhum enfeite nem risca. E já que estamos com a mão na massa, indiquemos o penteado de rigor das viúvas circassianas. Consiste ele em usar uma bexiga de boi enfiada na cabeça, em guisa de barrete.

Ainda bem que as nossas leitoras fugiram á fatalidade de ser japonezas!

O Paulinho

Sabem a quem tivemos, ha dias, o prazer de dar um abraço que quasi arrombava as costelas?

Ao sr. Paulino de Andrade, ao nosso inolvidavel amigo, que tanto nos estima, que tão grande amizade nos dispensa, que de quando em quando aparece por ahi, só para nos abraçar e passar junto de nós algumas horas em cavaco ameno.

Desta vez, porém, outros foram os motivos que trouxeram a esta cidade o inotroquevel heroe de Ferragudo.

Ao que nos consta, S. Ex.ª veio propositadamente a Faro, a fim de dar cumprimento a algumas disposições testamentarias do seu inolvidavel amigo Beirão Rachado, opulento creador de pegas, falecido nesta cidade e de quem o sr. Paulino guarda as mais gratas recordações.

Passatempo

Lumpen Kanfmann, explorador alemão, que regressou ha tempo da Africa, refere que encontrou entre os gentios um rei que possuia onze mulheres, nutridas.

Todos os mezes, esse rei pesa as suas mulheres, e á que marca no fiel maior numero de quilos é entregue o penacho do supremo poder marital e realengo, poder que se prolonga até á proxima pesagem.

Na Russia

O dr. Herzenstein observa na *Siewiernyj Wiestnik*, que se a Russia foi um dos primeiros paizes a preconisar o ensi-

no medico das mulheres, foi tambem o primeiro a abandonar esse sistema.

Os seus cursos medicos para uso das mulheres foram suprimidos em 1882 e desde esse tempo ficou-lhes vedada a carreira medica na Russia.

Em compensação, ha o chicote e as varadas...

Pró himeneu

No dia immediato ao do seu casamento, Lord Byron recebeu uma carta de M. Davis, perguntando-lhe como tinha passado a noite:

Byron respondeu:

«Eram quatro horas da manhã quando acordei. Ua claridade avermelhada dava sobre as cortinas carmezin do meu leito. Julguei-me no inferno. Apalpei ao redor de mim, e convenci-me de que era peor a minha situação, lembrando-me que estava casado.»

Coisas do «Algarve»

Insiste o *Algarve* em dizer que com a maior autenticidade pode garantir que o dr. Caleça foi indigitado para administrador do concelho de Faro e commissario de policia e que, apesar de não querer esses logares, cedeu a muitas instancias de pessoas de Faro e mesmo de Lisboa, — que muita influencia tem na politica do Algarve.

O nosso colega, no intuito de não ficar mal apreciado, já vae desvirtuando as coisas. Primeiro, afirmou que o dr. Aguedo, num papel que o dr. João Pedro de Sousa lhe mostrara, havia lido a indicação do dr. Caleça, feita pelas commissões politicas. Agora, porque o dr. João Pedro de Sousa o desmentiu formalmente, afirma que o dr. Caleça foi indigitado por diferentes pessoas de bastant influencia politica, mas esquece-se de dizer quaes foram essas pessoas!

Mas, afinal, o dr. Aguedo leu ou não leu a tal indicação?

E ainda o *Algarve* nos hade responder a mais duas perguntinhas: Antes de tudo, se o dr. Caleça, que não queria os logares, cedeu ás instancias que lhe fizeram, porque não foi ele o nomeado? Em segundo lugar, muito reconhecidos lhe ficaremos, se tiver para convosco a gentileza de nos confessar quem é que diz o contrario, unicamente por se julgar ferido nas suas pretensões.

Morecos e toupeiras

Para terminar a exploração que desde muito *alguem* está misteriosamente e por um requinte de raiva e emulação, fazendo com uma *carta-proposta* que o dr. Antonio Francisco de Sousa escreveu em tempos á D. Maria Caetano de Brito Gil, conta o mesmo senhor publica-la na integra, no proximo numero do *Heraldo*.

Se o não tem feito, como já no proprio *Heraldo* prometera, foi porque ha mais tempo lhe não chegou ás mãos a copia fiel dessa *carta-proposta*.

Vae faze-lo agora, para desmascarar a vibora que toda a gente conhece por dentro e por fóra e que tanta peçonha tem esvurmado durante toda a sua vida.

De resto, bem pode concluir-se que, se ela tivesse a importancia que a vibora lhe quiz dar, a propria vibora a teria immediatamente publicado.

Mas isso nem convinha aos seus interesses, nem aos seus designios. O publico compreende-o.

Nós só pedimos aos nossos leitores que não a percam de vista e a apreciem para bem avaliar do que nela se contem.

CAÑCIONEIRO DO POVO

Já tive dezoito amores,
Conigo são dezoito;
Todos me saíram prata,
Só tu me saíste cobre.

Pega tudo quanto queira,
O meu amor não m'o pega;
Deve andar muito doente
Quem de noite se confessa.

Candeia de quatro bicos,
Alumia aos quatro cantos;
Mal empregada menina,
Em ser amada por tantos

A festa da arvore

Revestiu a maior imponentia a *Festa da arvore*, que, como prenoticiáramos, se realisou nesta cidade no ultimo domingo.

O programa foi rigorosamente cumprido, sendo magnifico o aspeto do cortejo em que tomaram parte, com larga representação, não só todas as escolas primarias desta cidade, mas tambem todos os estabelecimentos de ensino.

Verdadeira festa de confraternização e amor, a ela nos associámos comovidamente, como não podiamos deixar de nos associar, dada a sua altissima importancia, tanto para a educação civica do nosso povo, como para o consequimento de um dos mais uteis beneficios de que tanto carece o nosso paiz: a sua arborização.

Ensinar as creanças a amar as arvores, levar o nosso povo, que é bom mas ignorante, a dedicar os seus disvelos á plantação e ao cultivo das arvores e de todas as plantas, que tanto alindam a terra, é contribuir para que se desenvolva uma das mais poderosas fontes de riqueza da nossa Patria, é despertar em todos os corações os mais puros sentimentos de confraternização social.

A arvore é o bem e dela só nos resultam beneficios. Companheira do homem atravez da sua laboriosa existencia, é ela que o acolhe meiga em todos os tempos da sua vida, dando-lhe as suas flores, os seus frutos e a sua sombra, quer ele seja um potentado, reluzente de pedrarias, quer seja um desgraçado mendigo cheio de miseria e de fome.

Por isso é altamente patriótico contribuir para que se propague entre nós portuguezes o amor ás arvores, que um tão importante papel desempenharam nos tempos de maior gloria da nossa Patria, dando-nos a materia prima para a construção das caravelas dos nossos arrojaos navegadores que a toda a parte do mundo foram implantar o glorioso pendão das quas, simbolo querido de uma patria aguerrida e forte.

Pela imponentia que a festa revestiu, pela enorme população escolar que nela tomou parte, associando-se festivamente a uma das mais significativas manifestações civicas, se não a mais significativa, visto tratar-se essencialmente de uma homenagem á Natureza, não podemos deixar de felicitar o illustre inspetor escolar do circulo de Faro, sr. Francisco Portela da Silva, que envidou todos os seus esforços para que a festa revestisse o esplendor que atingiu, e a digna comissão municipal que lhe prestou o mais dedicado concurso.

Tambem envolvemos nestas felicitações, como portuguezes e patriotas que nos prezamos de ser, todo o professorado citadino e todas as coletividades que tomaram parte em tão importante festa civica, pois bem demonstraram assim os disvelos que lhes merece o resurgimento deste belo rincão que nos viu nascer.

Atr' creanças, aos jovens estudantes e ás futuras educadoras da nossa mocidade, a todos emfim que concorreram com a sua alegria infantil e com a graça da sua radiosa mocidade para o brilhantismo da festa, tambem felicitamos calorosamente, pois bem evidenciaram ao justo justificadas as esperanças que neles depositamos e que nos dão um penhor seguro de que mais tarde, quando tiverem de intervir-se mais diretamente no complexo maquinismo social, saberão honrar o nome portuguez.

Mas descrevamos a festa:

O cortejo

em que se incorporaram todas as escolas e estabelecimentos de ensino, ostentando os seus estandartes e bandeiras, functionalismo, imprensa, etc, organisou-se, como estava determinado, junto dos edificios das escolas primarias officaes desta cidade e percorreu todo o seu itinerario entre uma enorme multidão de povo que saudava entusiasticamente as creanças.

As janelas estavam apinhadas de senhoras e era imponentissimo o aspeto do jardim Vasco da Gama, completamente cheio de gente que ali accorreu, no intuito

de assistir a tão significativa manifestação cívica.

Durante o trajeto as creanças das escolas primárias, que transportavam as árvores a plantar, cantavam o *Hino da árvore*, a *Portuguesa* etc.

Ingressando o cortejo no jardim, lugar destinado à cerimónia, entraram os convidados no pavilhão.

Começaram em seguida os discursos, fazendo uso da palavra o sr.

dr. João Pedro de Sousa

Que começa por declarar que veio ali muito gostosamente cumprir o seu dever. Honrou-o o digno inspetor com um convite para tomar parte na festa e fazer uso da palavra; é no cumprimento desse dever honoroso que vai falar acerca da imponente manifestação cívica que vai realizar-se.

Seguidamente passa a historiar a alta significação da festa das árvores, que os antigos tanto veneravam. Enumera as árvores consagradas aos deuses da mitologia e evidencia o papel predominante da árvore através da civilização da humanidade.

Passa, em seguida, a referir-se às árvores que vão ser plantadas e cujas lendas descreve, encarecendo-lhes os seus prestígio, a sua comprovada utilidade.

Conclui por proclamar como dever indeclinável o amor às árvores, um dos mais preciosos dons da Natureza e em que esta se nos revela toda benignidade e amor, dando os seus frutos e a sua sombra até aqueles que as maltratam.

Ao belo discurso do sr. dr. João Pedro de Sousa, que foi calorosamente aplaudido pela numerosa assistência, seguiu-se no uso da palavra o digno inspetor escolar de Faro,

sr. Portela da Silva

que, num conceituoso e elegante discurso, faz a apologia da árvore, recordando as creanças que o escutam quanto é grande o auxílio que elas nos dispensam, dando-nos, na primavera, as suas lindas flores, e ofertando-nos no estio os seus preciosos frutos que são a nossa alimentação mais saborosa, mais fresca e mais natural.

Para bem se avaliar quanto são importantes os benefícios que devemos às árvores basta recordar que, nos primeiros tempos da nossa infância, dormimos usualmente em berços, e que os berços, em geral, são de madeira e a madeira provem das árvores. Vamos crescendo, e mais tarde, às horas das refeições, a nossa família, sob o olhar vigilante e carinhoso da mãe e sob a nobre proteção do pai, reúne-se em volta da mesa, todos se sentam em cadeiras; e as mesas e as cadeiras são de madeira e a madeira provem das árvores.

Ah! em doce convivio passamos as melhores horas da existência, especialmente a hora de jantar, porque tal hora representa o fim dos labores do pai, que regressa a casa depois de um dia de trabalho. Servida a refeição, em que tantas vezes predominam eguarias pertencentes ao chamado grupo vegetal, são seguidamente distribuídas as sobremesas, as belas laranjas, as perfumadas maçãs, as amendoas, as nozes, os figos, e tantas outras deliciosas frutas, que seria longo enumerar e que todas elas provem das árvores, que com a dádiva dos seus belos frutos, tanto contribuem para o nosso sustento.

O chá, o café, o vinho, o pão e tantas outras coisas são-nos dadas pelo grupo vegetal, um dos tres grupos em que se divide a Natureza.

O linho e o algodão com que fabricamos as nossas roupas também a esse grupo os devemos.

Mais tarde, quando succumbindo às leis fataes da existência, cessamos de viver, é ainda a árvore que fornece a madeira para o nosso caixão e é ela que usualmente fica marcando o lugar da nossa sepultura.

Amemos, pois, as árvores que tantos benefícios nos dispensam.

São elas que nos dão a preciosa madeira com que construímos as nossas habitações e os milhares de utensílios de que carecemos para as nossas comodidades.

Sob o ponto de vista estético, são elas que contribuem para o aformoseamento dos campos e dos montes, formando as mais lindas paisagens, que tanto nos deliciam a vista, encantam o espirito e inspiram os pintores e os poetas.

Sob o ponto de vista medicinal ou terapeutico, é inútil encarecer os benefícios que nos prestam, porque são inúmeros os remedios que provêm do grupo vegetal.

Grandísimos são, pois, os benefícios que se devem às árvores, e nós portugueses, cuja historia contém paginas iluminadas pela mais refulgente gloria, não podemos esquecer que as árvores devemos a madeira com que os nossos valerosos antepassados construíram as caravelas em que partiram à descoberta de novos mundos, implantando por toda a parte a sacrosanta bandeira da Patria!

Mais, muito mais eu poderia dizer-vos, meus queridos meninos, diz o orador,

mas o tempo urge, e vou por isso terminar pedindo-vos que nunca maltrateis as árvores, que lhes deis todos os vossos carinhos e que tenhaes sempre bem presentes os grandísimos e variados benefícios que elas nos dispensam.

Não esqueças o dia de hoje, lembraes-vos sempre de vossos paes e dos vossos professores, respeite-os sempre, porque eles são os vossos educadores, segui os seus exemplos e conselhos e assim chegarás a ocupar na sociedade o lugar que certamente a vossa intelligencia e as belas qualidades do vosso espirito vos garantem e lembraes-vos também do vosso inspetor, que, como premio dos cuidados e atenções, que vos dedica, apenas tem a aspiração de fazer de vós cidadãos honestos, dignos e honrados de uma Patria feliz e respeitada.

Inumeros aplausos sublinham o belo discurso do digno inspetor, que é muito felicitado, seguindo-se-lhe no uso da palavra o sr.

dr. Alberto da Cunha

que em breves mas expressivas frases, exalte a *Festa da árvore*, festa de paz e amor, em que toma parte toda a família portuguesa, na justa aspiração de engrandecer a terra da Patria.

Confessa-se algarvio de coração e de sangue e termina fazendo votos para que a *Festa da árvore*, que tão pomposamente vai celebrar-se por todo o paiz, contribua para reunir todas as energias sob a aspiração do mesmo ideal: a prosperidade da grande Patria Portuguesa, que ele orador deseja ver, num futuro bem proximo, apresentando um aspecto tão lindo e grandioso como o que á nossa vista deslumbrada nos oferecem agora as amendoceiras deste rincão florido chamado Algarve.

A este discurso que também foi muito aplaudido, seguiu-se a plantação das árvores, tocando a banda de musica varias peças do seu bem ensaiado repertorio e dispersando depois o cortejo.

E assim terminou esta tão simpatica festa cuja altissima importancia para a educação cívica do povo nos dispensamos de acentuar.

POETAS

NINHO DE AMOR

Se penetrar pudesses no teu seio,
Pelas portas do Céu do teu olhar,
Saberias como eu te sei amar,
Teu amor me darias sem receio.

Meu coração com Deus, num santo enleio,
Teu coração iria procurar,
Seria o paraíso esse lugar,
Teria o que na vida mais anseio.

E fama, gloria, honras e riqueza,
Tudo quanto envaldece a natureza
Do homem nunca farto e satisfeito,

Tudo desprezaria, anjo adorado,
Por Deus e assim por ti acompanhado
No delicioso ninho do teu peito.

LINDA!

Desamando, vivemos padecendo;
Amando, sorte igual nos acontece;
E, se amarmos com Deus, mais se padecerá:
Toda a vida Jesus levou sofrendo...

Sustentados de magua então vivendo,
Que o verdadeiro amor nunca enfraquece,
Em Deus, que lá do Céu nos está vendo,
O coração repousa e adormece...

Se ao prazer rogassemos amor,
Regando a nossa supplica de pranto,
Fugiria o prazer da nossa dor...

Linda! Depois de Deus o meu encanto,
Neste mundo onde ha muito desamor,
E' em sofrer por ti que te amo tanto...

VITOR CAL.

TERRA LIVRE

SEMANARIO ANARQUISTA DE LISBOA

Recebemos o primeiro numero deste semanario de propaganda das ideias libertarias, editado em Lisboa e de cuja redacção fazem parte os srs. Carlos Rates, operario; Edmundo de Oliveira, jornalista; dr. Neno Vasco, escritor e publicista; Pinto Quartim, jornalista; e dr. Sobral de Campos, advogado.

Colaborado pelos mais conhecidos e cultos propagandistas do anarquismo, o presente numero contém o seguinte sumario:

Artigo de apresentação—TERRA LIVRE, que é uma síntese das doutrinas anarquistas; SINDICALISTAS E ANARQUISTAS, artigo de Emilio Costa; O CARNAVAL; FACTOS E COMENTARIOS; REVISTA DOS JOANAES; KROPOTKINE EM LISBOA; MOVIMENTO LIBERTARIO; O 1.º DE FEVEREIRO; A GUERRA DOS BALKANS; DEFEZA NACIONAL, por Edmundo de Oliveira; CAMPANHA EM FAVOR DOS PRESOS POR QUESTÕES SOCIAES, do dr. Sobral de Campos; GEORGICAS, pelo dr. Neno Vasco; O PADRE, de José Carlos de Souza.

Traz na 1.ª pagina uma gravura a proposito da defeza nacional, do caricaturista Alfredo Candido.

Toda a correspondencia e pedidos de assinatura devem ser dirigidos a Pinto Quartim, Rua das Gaveas, 55, 1.º—Lisboa.

TERRA LIVRE encontra-se á venda nesta cidade, na Livraria das Novidades, de Antonio dos Santos Capela.

Fialho de Almeida

Passou hontem o segundo aniversario da morte do cintilante escritor Fialho de Almeida, o primoroso e insubstituível panfletario dos *Gatos*.

Comemorando esta data de luto da literatura Nacional, aprez-nos reproduzir hoje, nas columnas do *Heraldo*, o artigo que o seu passamento nos inspirou:

Corre mundo a triste noticia do falecimento de Fialho de Almeida.

E digo triste noticia, não porque a morte de Fialho possa compungir, dada a sua orientação nos ultimos anos, os que com ele primeiro acamararam em arraias politicos, mas sim pela insubstituível perda que o seu passamento representa para a literatura patria, onde os arrebatamentos do seu espirito de revoltado, levando-o muitas vezes a retorcer adjetivos e a inventar palavras, lhe conquistaram um primordial lugar entre os mais distintos cinzeladores da boa prosa portugueza.

Fialho foi, é certo, em politica um desertor.

Saltou das fileiras da vanguarda republicana, da falange mais demolidora e irrequele, para as tenebrosas maranhas do franquismo.

O homem que, em violentissimos artigos nos dera a critica sempre azeda e ironica do viver da aristocracia e do proprio rei Carlos, passou a publicar artigos laudatorios da monarchia e do seu ultimo aulico, o ditador João Franco.

Mas a deserção de Fialho, que, a final, nem sequer teve as recompensas do exilio, não deve, quanto a mim, influir na apreciação a que ele tem jus como escritor e dos mais distintos que foi.

E' condenavel o seu gesto politico? Não procuraremos desculpa-lo, atenua-lo sequer, nem que o não façamos, importa ao caso.

Os politicos indigenas, esses, que, na mór parte, entendem por politica a suja arte de perseguir os contrarios, esses que acima dos esforços atinentes á conquista do bem geral, colocam o seu personalismo ostensivo e vaidoso de mediocres, de comodistas e de farçantes burguezes, bons exploradores dos que trabalham, essa horda violenta de imbecis que prepassa por este vale de tranquibernas sem deixar rasto que fulgure, essa julgue o Fialho como politico.

Para mim que o tenho lido e meditado, ele continuará a ser, apezar da sua lastimável queda, do seu suicidio literario, um dos mais valiosos demolidores da nossa sociedade corruia, pretenciosa e hipocrita.

Raros como ele teem sabido fustigar com tão vistoso tagante.

E' que, se a sua prosa tinha cintilações deslumbradoras, a sua ironia era caustica, corrosiva, lembrando pela furia um jato de agua fervente.

Nos seus ultimos anos luziu ao escritor a ideia requintadamente burgueza de ver-se transformado em prócer da sua patria sem lembrar-se de que uma tal transformação lhe trazia o perigo imminente de poder ser confundido na grande turba das atentadissimas personalidades dos próceres portuguezes, importantes creaturas tão avessas ao intelectualismo que as mais das vezes mal sabem assinar de cruz!

Não será profundamente lamentavel o deamentado gesto de Fialho, abjurando, a troco dos irrisorios armioshos do pariato, prometidos por um aventureiro politico, a crença que sempre defendera?

Assim o creio.

Não deve, pois, nesta hora em que a literatura portugueza se ensonbra com os crepes do falecimento do autor dos *Gatos* recordar-se apenas o que nele havia de reitamente portuguez: a ambição de exhibir-se, mas sim o valioso patrimonio que entesourou nos seus livros.

Como politico, Fialho passou como uma sombra de cachie, de sôba provinciano, ambicioso e vulgar; como escritor deixou paginas luminosas em que a sua fantasia e o seu espirito sabiam elevar-se a alturas, que poucos atingem e que por completo o destacam desses falsos artifices da prosa, que se esmeram escrevendo aquilo que não sentem.

Como critico de arte, Fialho, que chegou a ser temido como flagelo de artistas, foi por vezes apaixonado e injusto.

Está ainda na memoria de todos, a cena de que ele e Eça de Queiroz foram protagonistas, e que a muitos serve para justificar a *necrologica agressão*, que o artista da *Reliquia* mereceu ao cintilante *conteur* do *Paiz das Uvas*.

Foi no Chiado, á porta da *Havanexa*.

Amigos comuns apresentaram a Eça de Queiroz, já escritor de nomeada, Fialho de Almeida que pouco antes surgira no mundo das letras com os seus primeiros *Contos*.

—Men caro Eça, apresento-lhe o sr. Fialho de Almeida...

Mas o autor do *Primo Bazilio*, ironico, de monculo em riste, a reluzir, mira a figura um tanto obesa de Fialho e atalha, assim, o seu amigo:

—O sr. Fialho de Almeida? Bem sei. Conheço. E voltando-se para Fialho:

—V. Ex.ª não é o proprietario de uma camisaria, ali na rua do Ouro?

Não diz a historia qual a resposta de Fialho. E' de crer que a ironia do colaborador das *Farpas* dali o afugentasse amplamente corrido.

Certo, é que, morto Eça de Queiroz, Fialho não soube ser superior ao despeito

então sentido e publicou um artigo necrologico deste escritor, que causou, pela injustiça das apreciações, grande indignação nos arraias literarios.

Mas deixemos estes pequenos senões, reveladores da mesquinhez da alma humana, ainda a mais culta, e pranteemos em Fialho de Almeida um grande temperamento de artista que reviverá, como Camilo, nas belas paginas dos seus livros plenos de sol e de vida.

Faro 4-3-1911

Lyster Franco

MAIS NOTAS E COMENTARIOS

Transcrição

A *Provincia do Algarve*, sentindo-se feliz por ter encontrado quem use processos politicos semelhantes aos seus, transcreveu dos *Eclos do Sul* um artigo onde se chamam ás fileiras os republicanos e patriotas, contra certos aventureiros que, *vindos de paragens diversas*, estão arvorados em mandões do Algarve.

Não sabemos quaes são os taes aventureiros, mas, ao que parece, é gente de mais valor intelectual e moral do que o dr. Silvestre Falcão e outros *ídolos* que fizeram a sua epoca.

E só assim se compreende que os taes aventureiros lhes causem tanta sombra.

O casamento

O fogo é um elemento essencial na celebração de casamentos em algumas nações.

Na Persia, a cerimonia é feita diante de uma pira fumegante. Em Nicaragua, o sacerdote, tomando os nubentes pelos dedos minimos, leva-os a um aposento onde ha um fogareiro aceso, e ali ensina á noiva os seus deveres, apagando o fogo ao concluir. No Japão, a mulher acende uma tocha, e nesta acende o noivo outra queimando-se ali todos os brinquedos da noiva.

O brinquedo, depois, é o marido...

O ODIO

O odio é perspicaz e quando a sua perspicacia é iludida, não lhe escaceia a faculdade de invenção.

HERCULANO.

O homem necessita de uma boa educação que o ensine a reagir contra o que pode ser nocivo para ele, e principalmente para a sociedade.

Devido á deficiência dessa educação ou ainda á sua completa ausencia, sentimentos terriveis se apoderam dele, obrigando-o a acções loucas, como louca é a sua vontade.

E' o que acontece com o odio.

O espirito faz nas trevas.

Mas, como o orgulho é apanagio da humanidade, o homem que nada vê, que nada sabe, que nada faz, quer ser grande aos olhos dos outros.

Desprezado, troçado até pela sua fraqueza moral, ele sente nascer dentro de si uma aversão imensa pelo ser semelhante, aversão que, no seu espirito em trevas, brilha com tal intensidade que deslumbra.

E' o odio que nasce.

Não tem educação, não sabe nem pode reagir, e esta paixão abominavel, como o fogo abandonado a si proprio, alastra, progride, apodera-se dele e submete-o inteiramente á sua vontade.

Depois, é uma série infinda de perversidades, de lutas inconscientes, de estupidos desejos...

Porque o odio é louco, porque o odio é insensato.

Fugi dele, porém, não vos vá enleiar no seu terrivel ardil!

Insensato e louco, ele quer, e, para satisfazer o seu *querer*, lança mão de todos os meios ao seu alcance.

Arremete de frente, mas, se é vencido, sabe usar da cilada, sabe usar da traição.

Se lhe perguntardes porque quer, ele nada vos responderá, na sua perfeitíssima alucinação.

Quer porque quer, e eis tudo!

Ái daquele que se deixar vencer, que não tiver energia suficiente para o subjugar, para o fazer calar no seu intimo.

Mas,—como desarma-lo como aniquilar toda a sua perversidade?

Educando o espirito.

Tal como a cobra a quem se partam os dentes, se estorce em convulsões hecicondas, mas inofensivas, assim ele se debaterá furioso dentro do vosso peito.

Mas a sua luta será inútil, o seu debater será improficuo... porque lhe partiram os dentes.

Debater-se-á, estrebuchará, louco, desesperado.

Mas se no vosso espirito a luz entrar a jorros, a luta será apenas convosco, e, dentro em breve, ele cairá numa grande prostração, numa apatia imensa, prenuncio da sua morte proxima.

Não o deixeis, porém.

Porque, se o abandonardes, ele erguer-se-á, procurando achar-vos distraído para vos aniquilar, para vos subjugar de novo. Educa-vos, p-is.

E se a vossa educação fôr perfeita, sabereis vencer todos os perigos que vos ameacem.

Da Alma Academica.

MORCEGOS E TOUPEIRAS

Ainda outra carta

Depois de termos esclarecido quantas vezes a D. Maria Caetano de Brito Gil exerceu a sua acção em documentos de alta importancia juridica, sem que tivesse *alguem* a refutar a sua validade, poderíamos não continuar a discutir o insulto cuspido pelo sr. Domingos Soares sobre a memoria de quem sentiu por ele o maximo desprezo.

Nove vezes, que nós sabíamos, intervieram os notarios e os seus ajudantes, trinta foram as testemunhas que deram por legais os atos consumados, e também os interessados foram em grande numero: pois, de toda essa gente, ninguém se salientou, ninguém poz em duvida que a D. Maria de Brito Gil pudesse fazer o que fez. Só o homem que tanto a insultou em vida e que por essa razão foi posto na rua e deserdado, teve agora essa infeliz ideia!

Mas passando das questões juridicas para as de natureza particular, ainda vemos que a D. Maria de Brito Gil mostrou sempre não ser o que o sr. Soares pensa ou *ange pensar*. E dizemos *finje pensar*, porque, segundo já está affirmado, o sr. Soares experimentou bem acentuadamente, que a D. Maria, apezar de bondosa, não era de aguas mornas. O sr. Soares quiz tornar-se autoritario ao pé dela, o sr. Soares supô-la sem vontade propria, imaginou que o seu espirito era fraco, arvançou o que não devia, quiz dominá-la, mas, em compensação, ela fez uma coisa muito simples: esborrachou-o de sua casa!

Teve razões ponderaveis para o deserdar e procedeu por sua espontanea e livre vontade. Não fomos nós quem influíu no seu espirito, nem aproveitamos a estada do sr. Soares em Lisboa para nos apresentarmos a tratá-la. O sr. Soares mentiu ao afirmar que estava em Lisboa quando entramos em casa da doente. Pois não é verdade que foi ele proprio quem por duas vezes nos veio chamar? E não veio depois o sr. José Antonio de Lima instar conosco para que fosse-mos visitá-la, dizendo que ela não tinha medico assistente e que por isso, ou iamós nós ou teria que chamar outra medico?

Mas... adeante. A D. Maria de Brito Gil teve sobejos motivos para deserdar o sr. Soares, e ele bem o sabe.

E não seria por esses motivos que a enferma rasgou na cara de sua esposa o testamento em que só ele ou quasi só ele fôra contemplado?

Feito o novo testamento, as cenas tornaram-se demasiado escandalosas. Houve ralhos e ameaças e ninguém escapou ás fúrias do sr. Soares. A todos sem excepção insultou, metendo á bulha sua propria esposa! A doente presenciou e sentiu tudo isso, e porque muito o sentiu, é que o sr. Soares foi posto na rua! E o sr. Soares com certeza ficou com a impressão bem nitida de que a D. Maria de Brito Gil atava com a vontade propria e não tinha o tal espirito fraco que hoje tão acorosamente lhe quer attribuir. Ou não será isto verdade?

Mas ainda ha outros fatos que sobejamente nos provam que ela procedia com intelligencia e inteira liberdade, e foi por isso que até aos ultimos dias geriu os negocios da sua casa.

Antes de partir para Lisboa, comprou ela ao sr. Joaquim Neves um animal que lhe custou 28 libras. Cremos que se o sr. Joaquim Neves, que muito convivia com a doente, a supozesse uma imbecil, uma creatura sem vontade propria, não fecharia com ela esse contrato. Pode o sr. Neves guerrear-nos, que nem por isso lhe faremos a injustiça de supor que abusaria do seu estado para lhe extorquir dinheiro, assim como não deixamos de reconhecer que a escritura de arrendamento, passada a seu favor, foi nada mais do que a consequencia do desejo que a D. Maria sentiu e quiz expressar.

E contemos agora outro caso que muita luz vai trazer á questão, e que por felicidade se passou com o proprio sr. Joaquim Neves que é absolutamente insuspeito: Quando viemos de Cintra, corria em Tavira que a D. Maria de Brito Gil nos fizera uma doação de todos os seus bens! E porque nós desmentimos esse boato, logo, de boa ou má fé, se fez correr que não fôra propriamente a nós que ela tinha feito a doação, mas sim aos nossos filhinhos,—e até a noticia, com falsidade e tudo, veio publicada no *Seculo*. Continuamos a dizer que era menos exato o que corria, sem que contudo pretendessemos reduzir as coisas ás suas devidas proporções. Aos que nos inquiriram sobre o assunto, sempre lhes respondemos que o perguntassem á doente. A uma só pessoa nós dissemos o que se continha na escritura: foi á creada Virginia.

Apareceu nessa altura o sr. Joaquim Neves, que (tome nota o leitor) *pretendeu saber da doente o que ela tinha feito*, visto continuar a dizer-se que não tinha feito doação de todos os seus bens. Esta negou o boato.

Como alguem nos prevenisse de que certos *amigos* lhe tinham insinuado que podia ela ter uma suposição e a escritura dizer outra coisa, nós, para que jamais a

D. Maria de Brito Gil formasse qualquer suspeita, fomos a sua casa, apresentamos-lhe uma copia da escritura, e saímos. Ela, apenas saímos, leu-a com o maior interesse, e no fim, como que se des-empriu, soltando uma imprecação contra os que levantaram e fizeram espalhar tão maliciosos boatos. Ouviram esse desabafo as sr.^{as} Virginia da Conceição e Maria Pires Faleiro, que depois o contaram a diferentes pessoas. Ora, este fato revela bem um expresso assentimento ao que havia feito.

Apezar de tudo, o sr. Joaquim Neves tinha a sua missão a cumprir e cumpriu-a com as formalidades dum grande acontecimento. O sr. Joaquim Neves tinha por essa ocasião mandado vir uma copia da escritura de doação, e já pela cidade constava que ia ler a tal escritura e que com ela nos havia de confundir!!! E o sr. Neves supoz que realmente nos confundiria, porque, não representando a escritura a expressão da verdade (como se julgava) compreendeu e tinha a certeza de que a doente repudiaria desde logo um tal ato, mostrando que não era um espirito fraco.

A leitura do documento, feita pelo sr. Joaquim Neves em presença da doadora, revestiu, como disse, as formalidades de um acontecimento. Oito ou dez pessoas assistiram a essa leitura, não tanto pelo escandalo que o sr. Neves supoz determinar, como pela curiosidade de saberem o que na escritura se continha.

O sr. Neves leu com entono e todos foram ouvidos. Quando acabou de ler, voltou-se para a doente, esperando a sentença.

—Foi essa, sr. Neves, disse a D. Maria de Brito Gil, a minha plena vontade. Como sou ainda senhora do que é meu e não me falta o juízo, entendo que podia fazer o que fiz.

A isto respondeu o sr. Neves meio fulminado:

—Perdão, minha senhora, eu não lhe contesto esse direito, pois a senhora pode deixar o que tem a quem quizer, mas, se vim aqui com a copia da escritura, foi porque a senhora me negava que a tivesse feito.

—E' que dos meus atos, retorquiu ela, não tenho felizmente que dar contas a ninguém.

O sr. Neves saiu contrariado e todos ficaram sabendo o que havia.

Por toda a cidade teve eco tão reclamado acontecimento. Ninguém deixou de saber a energica attitud tomada pela D. Maria de Brito Gil, para defender um ato que era a expressão da sua vontade.

O proprio sr. Joaquim Neves contou a varias pessoas o que então sucedera. E se os fatos se não passaram como aqui se descrevem; se ha qualquer omisão ou erro, convidamos do alto desta tribuna o sr. Joaquim Neves a que nos venha corrigir ou desmentir.

Depois disto, todos os homens de bem hão de ter compreendido até onde os morcegos e as toupeiras levaram os seus odios.

Os que sómente sabem segredar difamando (porque sabem ser essa a melhor forma de propagar a calunia) que venham rebater-nos á luz viva da imprensa. Venham contraditar-nos os fatos apontados, que são os nossos titulos de gloria. Sabemos que ha creaturas que nos caluniam, porque muito nos invejam a sorte, como a invejariam a qualquer parente por mais chegado que fosse, mas também compreendemos que ha muita gente honrada que olha e vê as coisas como elas são e que nos faz justiça.

Aos primeiros o nosso desprezo e lástima, e a seu respeito um aviso aos homens de bem; aos segundos aqui lhes vou deixando a narração da verdade mais incontestavel, para que fiquem sabendo que sempre fui e hei de ser correto nos atos da minha vida.

Tavira, 4 de março de 1913.

Antonio Francisco de Sousa.

AS ARVORES

Acabamos de receber o livro intitulado *As Arvores*, livro organizado pela *Educação Nacional*.

As Arvores contem versos dos principais poetas portugueses e brasileiros, todos consagrados ás arvores. E' o mais belo ramalhete de versos que sobre as arvores se tem feito em Portugal.

Basta dizer-se que *As Arvores* trazem versos de Guerra Junqueiro, Casimiro de Abreu, Arnaldo Barreto, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, José Agostinho, António Feijó, Conde de Monsaraz, Basílio de Magalhães, Julio Brandão, Vidal Oudinot etc., etc.

E' um livrinho encantador e que atualmente não pode ser dispensado pelas crianças.

Compete aos professores fazer uma larga propaganda das *Arvores*.

Este livrinho custa 100 reis, na Livraria Lopes & C.^a—Porto, e nas principaes livrarias.

Aconselhamos também, para a festa da Arvore, os seguintes livros: *As Plantas*, de Higinio Lagido; *A Arvore*, de José Diogo Ribeiro; *A Natureza*, de Vidal Oudinot, livros que se encontram na Livraria Portuense de Lopes & C.^a—Porto.

Puericultura

Como se cria uma creança

VIII

DA ALIMENTAÇÃO PROPRIAMENTE DITA

Não se deve despertar a creança para se lhe dar o alimento porque logo que tenha necessidade dele, instintivamente acorda e chora para que se lhe dê de mamar.

E' um pessimo costume meter o mamilo na boca da creança sempre que ela chora ou se mostra inquieta.

A primeira coisa a averiguar, em taes casos, é a razão por que o pequenino procede assim e abandonar a ideia de que o peito é remedio para todos os males da infancia.

A creança que mama em demasia, sofre, em geral, de puxos, gazes, azia, indigestão, etc.

Durante os primeiros dois mezes, a mãe deve dar de mamar de duas em duas horas, aumentando gradualmente este intervalo á medida que a creança vae tendo mais idade, até que, por fim, lhe dará leite de quatro em quatro horas unicamente.

Durante a noite a creança não deve ficar chegada ao peito, porque isso prejudica tanto esta como a mãe ou ama, originando abcessos no peito, em umas, e perturbacões intestinaes nas outras.

A creança sendo bem dirigida, ainda que de tenra idade, adquire bons habitos.

De noite apenas se lhe dará duas vezes de mamar.

Depois de um longo passeio não se deve meter o peito na boca da creança, enquanto a pele estiver transpirando, convido esperar que o corpo arrefeça moderadamente.

Ao dar de mamar é necessario ter muito cuidado com as correntes de ar.

A posição que se deve dar á creança, ao coloca-la ao peito, é a obliqua, a fim de poder respirar sem difficuldade.

A idade propria de desmamar uma creança é entre os doze e os dezoito mezes, segundo a sua robustez e o estado da dentição.

As mulheres que tenham seios muito volumosos, no periodo de lactação deym suspende-los, sem os comprimir, e traze-los sempre resguardados, quer das poeiras, quer das correntes de ar.

Antes e depois de se pôr a creança ao peito, deve este ser lavado com agua fervida, morna.

Convem advertir que a creança pode ser alimentada muito bem por meio de leite de vaca, dado por colher, chavena ou copo, o que é preferivel ao biberon, cujo uso não tem senão inconvenientes e perigos.

As creanças que não possam ser amamentadas nem pela mãe nem por uma ama, carecem de ser sustentadas a leite.

Para que este lhes seja proveitoso, deve ser puro, esterilizado ou fervido.

Os leites de vaca, de cabra e de burra são os que mais se assemelham ao da mulher, e, portanto, os que melhor se prestam para o aleitamento da creança.

O leite dos animais deve ser cortado com qualquer liquido, antes de ser dado aos pequeninos.

O leite da jumenta deve ser preferido para alimentar a creança nos dois primeiros mezes de vida, mas para isso é necessario que o animal deixe de comer verdura.

O leite de cabra não se digere bem e é muito forte, razão por que se não torna recomendavel, senão em ultimo caso.

O melhor de todos, não só por ser o mais abundante, como pela relativa modicidade de preço, é o de vaca, modificado, é claro, para não perturbar as funcões digestivas das creancinhas.

Como a vaca é um animal sujeito a doenças transmissiveis, o seu leite não deve ser utilizado sem ser submetido a fervura durante uma hora.

O leite de vaca deve ser adoçado com 30 a 40 gramas de assucar por 1.000 gramas.

Durante a primeira semana de vida da creança convem corta-lo com tres quartas partes de agua, depois com metade, até aos seis mezes, podendo, dahi por diante, administrar-se puro.

O leite deve ser dado á creança sempre a horas certas, e com a temperatura de vinte e sete graus aproximadamente.

CANDIDO DE SOUSA

Formado pela Escola de Lisboa e com os cursos especiaes de Higiene, Oftalmologia e Bacteriologia

CLINICA GERAL, OPERAÇÕES

Especialidades: Doenças dos olhos, boca e dentes, Dentes artificiaes

CONSULTAS TODOS OS DIAS, EXCETO AOS DOMINGOS

RUA DE SANTO ANTONIO, 6 FARO

A PLANTAÇÃO DA ARVORE

Ha na vida horas negras em que o coração sangra atravessado por agudos espinhos, mas apóz essas tempestadas surge a bonança, e por um momento feliz tudo se esquece, tudo passa qual leve pluma que briza levon para as longinquas paragens do esquecimento!

Assim me vi e me senti no dia da «Plantação da Arvore», festa das creanças onde só se ouviram gurgelios infantis, cantos patrióticos e sorrisos inocentes; onde tudo era alegria e prazer, amor e carinho, afeto e esperança para um ambicionado futuro cheio de rosas!

Quem não se sentiria ali satisfeito, quem não teria vontade de cobrir de beijos todos aqueles inocentes, que abraçados á querida bandeira da Patria entoavam hinos e rodeavam as tenras arvoredinhas que iam plantar e que com as suas proprias mãos tinham coberto de fitas e de flores?

Quão lindo e belo não foi tudo isto!...

Quem não se comoveu ao ver ali a alegria de seus filhos, de todas aquelas creanças, flores mimosas envoltas em fitas das cores nacionaes, servindo de tutores ás tenras plantas que no dia de amanhã serão as companheiras desses que hoje representam o futuro de Portugal?

Que sublime quadro, que momento grandioso, que belo exemplo de educação civica digno de um povo heroico como o Portugal!... E assim do meio daquela musica harmoniosa e encantadora, onde todos se sentiram felizes, se plantaram uma laranjeira, uma romaneira, uma alfarrobeira e uma amendoeira, ato que assistiu a bandeira nacional, que a brisa fazia tremular sobre aquelas cabeças cor doiro como chamando-as a si num afago de mãe querida e carinhosa, que nos filhos tem uma esperança segura para a vida e um descanço glorioso para o futuro!...

...E elas, as criancinhas, segurando nos aninhos, nas pás, nos regadores e nas enxadas, plantando as tenras arvoredinhas, não desfilavam a sua bandeira, e cada vez a chegavam mais a si, minis-rando-lhe aqueles afagos com uma dedicação sem limites, entoando hinos de amor á «Patria Querida», berço onde nasceram e que a honra lhes indica que deverão defender até ao ultimo alento da vida.

Assim terminou a grandiosa festa que vi com os olhos marejados de lagrimas, recordando-me de que ha 15 anos tenho assistido a outras identicas, como esta, e bem fundam saudades me deixaram.

Honorato Santos.

POR ESSE ALGARVE

Estoi

Prometo ser deslumbrante a «Festa da Arvore» que aqui se realiza no proximo domingo. Para conseguir tal fim tem empregado bastantes esforços o nosso dedicado correligionario sr. Verissimo Manuel Martins, digno professor oficial.

—Consta-nos que vae ser convidado para abrilhantar a festa fazendo uso da palavra o nosso querido e prestimoso correligionario sr. dr. João Pedro de Sousa, o incansavel propagandista do ideal democratico nesta provincia.

—Em serviço da sua profissão esteve nesta freguezia o distinto clinico sr. dr. Candido Emilio de Sousa, de Faro.

—Teem aderido ao Partido Republicano Portuguez, filiando-se no Centro Democratico de Estoi, muitos cidadãos de certa respeitabilidade.

Ao contrario do que dizem os despeitados, este centro continua a prosperar e a engrandecer-se.

Um grupo de socios do Centro Democratico desta aldeia projeta para breve deliciarnos com algumas recitas tendo para isso escolhido já algumas peças.

Oxalá não sejam só alvitres, são os votos que fazemos.

NOTICIARIO

Vimos nesta cidade os nossos prestimosos correligionarios de Estoi, srs. Fermio Carrusca, José de Brito Mascarenhas, José de Sousa Teixeira, Apolidario de Sousa Leiria e José Lopes Rosa.

—Tambem aqui estiveram os nossos dedicados amigos e correligionarios srs. Antonio de Sousa Dias Sobrinho, Manuel Lázaro da Ponte e João Viegas Calçada, de S. Braz.

CARTEIRA

Fazem anos:

Amanhã, 6.—D. Maria José Guerreiro da Silva, D. Aurora do Carmo Pontes, D. Lucinda de Sousa Gomes, D. Maria Amelia Santos, José do Almeida Coelho de Bivar, José Correia Neves, Antonio da Costa Fernandes, João José Lopes e a menina Maria Feliciano Judice Pereira.

Sexta, 7.—D. Maria Clara Pinto, D. Augusta dos Santos Melo, D. Belmira de Sousa Dias, D. Eugénia Carneiro da Noiva, José Antonio de Brito, João Carlos de Oliveira, José Maria Ferreira Pinto, dr. Carlos Fuzeta e Miguel Anacleto Pereira.

Sabado, 8.—D. Maria Carlota Chagas, D. Maria João Ribeiro, D. Alice da Silva Pereira, D. Augusta da Conceição Gomes, D. Amélia Fernandes Braz, dr. Justino Cumano de Bivar Weinholdt, João Antonio Campos, Joaquim Augusto Batista da Silva, Manuel Rodrigues Pinho e o menino José Augusto Ferreira Marques.

Sarau

Na sede da Sociedade Recreativa Artistica Farense uma comissão de socios realizou no passado domingo, um sarau dramático e musical seguido de baile que durou

SAPATARIA DA MODA

DE

José Vicente dos Santos

Grandioso sortimento de calçado em todos os generos e qualidades, e demais artigos respeitantes á sua arte

Modelos chics de inexcédível bom gosto. Suprema elegancia e barateza Esmerada confeção e bom acabamento

Rua de Santo Antonio, 48, 48, A.

FARO

até cerca das seis horas da manhã e esteve muito animado. Abrilhantaram a festa as srs.^{as} D. Serafina Carvalho e D. Ludovina Carvalho que cantaram e executaram ao piano varios trechos musicaes, sendo muito applaudidas

ANUNCIO

(1.^a publicação)

No dia 9 do corrente mez, pelas 12 horas, á porta do tribunal judicial desta cidade, se hade pôr pela segunda vez em praça, visto não ter tido lançador no primeira, e por metade do seu valor, uma courela de terra no sitio do Azinhheiro, freguezia de Estoi, e cuja venda foi annunciada no Distrito de Faro de 13 e 20 de fevereiro ultimo.

Faro, 3 de março de 1913.

O escrivão,

José Joaquim Peres.

Verifiquei a exatidão,

O juiz de direito,

Dias Ferreira.

CHAVES

Estão depositadas nesta redação umas chaves de cofre, achadas por José Valentim da Costa e que serão entregues a quem provar que lhe pertencem.

Atenção

Por motivo de retirada para Lisboa

Vende-se por preços convidativos o seguinte: —Mobília de sala, estilo Luiz XV; de casa de jantar, estilo Henrique II; de quarto, em nogueira de polimento; cadeiras e sofás de verga; uma maquina de costura; vidros e louças; uma secretaria á ministro, e respetiva cadeira, de pau santo; um cofre á prova de fogo; um piano, um predio de casas na rua Camões, com o n.º 19; uma outra casa em Estoi; um mylord; uma magnifica parelha de cavalos.

Tambem se passam algumas escrituras de hipotecas.

Quem pretender dirija-se á rua Carlos da Maia, 17 em Olhão.

AUTOMOVEL NOVO

Aluga-se. Trata-se com Armand Ignácio Pires.

Rua Primeiro de Dezembro 52—Faro.

ACHADO

Encontra-se depositada na esquadra de policia uma bengala de volta com uma anilha amarela que foi achada no Teatro Circo.

EMPREGADO

Precisa-se com boa apresentação e referencias. Bom ordenado. Leitaria Central—FARO.

A MODA DE PARIS N.º 9
PRIMAVERA E VERÃO DE 1913

MIL FIGURINOS MIL

Grande livro para senhoras e crianças! E' escusado recomendá-lo, para se ficar sabendo que não ha melhor nem mais

chic, nem mais barato. Pela quantidade de figurinos que contém, bate o record de todos os livros do seu genero. Este livro teve em Portugal a extraordinaria tiragem de 5.000 exemplares. Encerra mil figurinos. Basta isso para se poder avaliar da sua utilidade. Todas as senhoras e modistas poderão n'ele encontrar um grandissimo sortido de modelos de todos os generos (passeio, receção, luto, caça, sport, amazonas, teatro, roupa branca etc. Cortam-se moldes por qualquer figurino, com a maxima brevidade (em menos de seis dias) e por preços execçionaes (desde 650 reis)

Todos os pedidos devem ser acompanhados da sua importancia, em vale de correio ou carta registada.

Quem pretender dirija-se ao agente

ANTONIO DOS SANTOS CAPELA

Rua da Marinha n.º 15—FARO.

Vinhas, vinhos e prados

A. VENANCIO PACHECO

Br. 600 reis.

TISICA

Para fugir a esta terrivel doença, ou vence-la, o organismo precisa de estar completamente sã, e as forças vitais devem ter actividade e energia. A

EXPERIENCIA DE 37 ANOS

prova que a Emulsão de Scott reconstitui o corpo e fortalece todo o organismo por tal forma que garante

PULMÕES SÃO

e força para resistir contra os germens da tísica. A Emulsão de SCOTT é agradável ao paladar e pura. Assim enriquece o sangue, auxilia a formação de tecidos,

ESTIMULA

O APETITE,

e ajuda a assimilar as comidas. Portanto a Emulsão de SCOTT dá força para vencer a DEBILIDADE ANEMICA e para estabelecer a defeza contra a tísica e outras formas de fraqueza.

OS MEDICOS POR TODA A PARTE

recomendam a genuina Emulsão de SCOTT para crianças e adultos. A

Emulsão de SCOTT

é conhecida pelo peixeiro que, como marca da fabrica, se ostenta em cada involucro.

Todas as Pharmacias e Drogarias vendem a Emulsão de SCOTT.

Depositarior: JAMES CASSELS & CIA., Succa. Porto.

VICENTE PIMENTEL & QUINTANS, Lisboa.

Representante: A. Y. SMART, Rua da Fabrica 27, Porto.

LATOARIA PONTE

Sucessor de JOÃO F. X. da SILVA REIS

CASA FUNDADA EM 1889

R. Conselheiro Bivar, 3—Avenida da Republica, 2

FARO

Especialidade em esquentadores para banho, em cobre polido, sistema francez, o melhor, mais economico e perfeito que até hoje tem apparecido. Manufatura de gazometros e candieiros para gaz acetilene, dos mais praticos e perfeitos. Encarrega-se da montagem dos mesmos em qualquer terra da provincia.

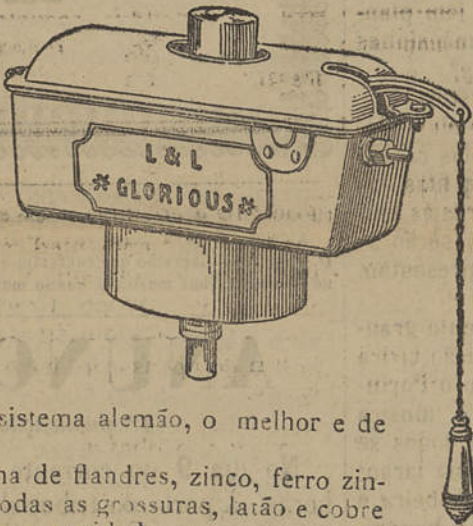
Especialidade em bombas de todas as qualidades as quaes se vendem pelos preços das fabricas. Instalações completas para agua, em tubo de chumbo ou de ferro.

Especialidade em autoclismos inglezes em ferro fundido, sem valvula, de efeito seguro.

Especialidade em ferros de soldar a gasolina, sistema alemão, o melhor e de maior resistencia até hoje conhecido.

Torneiras de latão de todas as qualidades, folha de flandres, zinco, ferro zinco, tubos de chumbo, de latão e de ferro, em todas as grossuras, latão e cobre em folha. Estes artigos vendem-se a retalho ou em quantidade, a

PREÇOS SEM COMPETENCIA



A ROUPA QUE VESTE A

HUMANIDADE

FOI COSIDA COM A

MACHINA

SINGER



A SUPREMACIA DA MACHINA SINGER

tem sido sustentada e augmentada durante quarenta annos e na actualidade passam de

DOIS MILHÕES DE MACHINAS SINGER

as que se fabricam e vendem annualmente

A ULTIMA CREAÇÃO EM MACHINAS PARA COSER

SINGER "66,"

QUE REPRESENTA O RESULTADO DOS CONSTANTES ESFORÇOS EMPREGADOS DURANTE CINCOENTA ANOS PARA MELHORAR AS MACHINAS PARA COSER, REUNINDO-LHES QUANTOS APERFEIÇOAMENTOS PODEM SER DE UTILIDADE PRÁTICA



Estabelecimentos SINGER

em todas as cidades do

mundo



RUA D. FRANCISCO GOMES, 33 FARO

PORTUGAL PREVIDENTE

Companhia de Seguros

CAPITAL 1.000.000\$000

SEGUROS DE VIDA (TODAS AS COMBINAÇÕES)

Seguros contra fogo

Seguros marítimos

Seguros de cristais

Seguros contra roubos

Seguros postaes

Seguros agricolas

AGENCIAS EM TODO O PAIZ E COLONIAS

Sede: Rua do Alecrim, 10—LISBOA

AGENCIA EM TAVIRA

PHARMACIA CUNHA 181

HOTEL MARCELLINO & ALGARVIO

PROPRIETARIOS

JOSE MARCELLINO & TATIANA

RUA DA PADARIA, 52 58—LISBOA

Comida e cama a 800 e 1\$000 rs. Camas a 200 e 300 rs.

LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE ANTONIO DOS SANTOS CAPELLA

AGENCIA DE PUBLICAÇÕES LITERARIAS

RUA DA MARINHA N.º 15 -- FARO

Fornecimento completo de livros necessarios em todos os collegios e liceus

Tipografia Democratica

RUA 1.º DE DEZEMBRO -- FARO

N'esta casa, aberta recentemente, imprimem-se com a maior perfeição e brevidade, e por preços excessivamente baratos, todos os trabalhos tipograficos, taes como: faturas, memorandos, prospectos, bilhetes de visita, modelos de repartições, folhetos, rotulos de farmacia, etc., etc., etc.

IMPRESSÃO DE

LIVROS E JORNAES

N'este estabelecimento, que é sem duvida o melhor do Algarve, encontram-se á venda varias qualidades de papel de carta, quer ordinario quer de luxo, papel de officios, cartonado, almagão, etc., também por preços

SEM COMPETENCIA

ESPECIALIDADE EM PAPEIS TIMBRADOS E PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO

Revista literaria e cientifica de que é Director

MARQUES ABREU

ARTE

Rua de S. Lazaro, 310 -- PORTO

SECÇÃO ESPECIAL DE VENDAS POR ATACADO

A PRASO E A PRONTO PAGAMENTO

Exposição de qualquer encomenda com a maior brevidade

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

LABORATORIO DE FARMACIA

BANDEIRA & RAMOS

DIRETORES PROPRIETARIOS — FARMACEUTICOS PELA ESCOLA DE LISBOA

SUCESSORES DA ANTIGA FARMACIA PIRES

FUNDADA EM 1805

RUA D. FRANCISCO GOMES, 40, 42 E 44

FARO

Fornecimento para Farmacias, Hospitais e Laboratorios

Tisana de Zittmann, formula modificada do dr. Constantino Cumano

Unicos agentes depositarios no Algarve das

AGUAS DE VIDAGO:— (Vidago, Vidago n.º 2 e Sabroso)

AGUAS DE S. VICENTE (Entre-os-Rios), DA CURIA E DE VERIM (Espido)

PREÇOS MODICOS

EXTRATO HEROICO (Extrato fluido de origem vegetal)

Preparado pelo farmaceutico Antonio Cardita. O extrato heroico não é toxico e tem uma notavel ação hemostatica, sendo simultaneamente, um poderoso anti anorexico e tonico geral. E', por isso aconselhada não só aos tuberculosos, como aos anemicos, neurastenicos aos que sofrem da falta de appetite e aos debilitados por enf rmidades prolongadas.

Aos revendedores e maiores compradores concedemos, quanto ás aguas, o mesmo desconto que dão os depositos de Lisboa, ficando a cargo do comprador o frete e o porte do caminho da ferro, que são, respectivamente, 80 réis 240 réis por cada caixa, desde Faro a qualquer estação até Villa Real de Santo Antonio ou Villa Nova de Portimão; despesa esta consideravelmente menor do que vindo as aguas directamente de Lisboa, pois n'esta casa recua por 1060 réis. Requisitando-as do nosso deposito, ha tambem a vantagem de se receberem quasi de um dia para o outro; e da não menos importante circumstancia da redução da despesa resulta poderem-se vender ao publico, em qualquer ponto do Algarve, pelos preços de Lisboa.

A SIFILIS É EVITAVEL

COM A POMADA HERMESIL

Preventivo contra as doenças venereas, ainda que empregado 5 horas depois do coito suspeito.

Tinturaria Lisbonense

ALBINO AUGUSTO

TINTUREIRO

Chegado ha pouco de Lisboa, onde durante 18 annos exerceu a sua profissão, tendo sido mestre de varias tinturarias d'aquella cidade, encarrega-se de tingir seda, lã e algodão em todas as cores; tingem-se capas de borracha pelo systema alemão, peles, roupas d'homem e vestidos de senhora sem que seja preciso desmanchal-os. Fazem-se lavagens especiaes em vestidos, fatos e luvas, assim como lavagens a seco em toda a especie de roupas.

Tinge-se tambem fazendas em peça e fio lava-se lã para colchões, executam-se, enfim todos os trabalhos de tinturaria com a maxima perfeição e rapidez. Todas as roupas, por mais usadas que sejam, ficam perfeitamente novas.

Examine-se a cor no ato da entrega e se distinguir, restitui-se a importância.—Preto para luto em 48 horas

RUA CASTILHO, 58-A—FARO

Livros escolares do professor

DR. RIBEIRO NOBRE

ENSINO TEÓRICO E PRÁTICO

Tratado de Química Elemental (7.ª Edição). Um volume de 400

páginas no formato 22x15cm com 122 gravuras. (PREÇO—1\$500 réis.

Obra util e recomendada a todos os que desejam instruir-se nesta ciencia: as theorias quimicas são metódicamente tratadas e separadas com a maxima clareza e bastante desenvolvimento; a parte descriptiva é rica na indicação de experiencias atraentes e preparações de verdadeiro interesse na vida pratica; e os problemas fundamentais da quimica elemental estão cuidadosamente tratados em secção especial acompanhados de modelos literais e exemplificações numericas da disposição dos calculos. Este compendio foi adotado em seguida á sua primeira publicação em quasi todos os liceus e seminarios, no Instituto Industrial e Commercial do Porto, e em diversas escolas normais, industriais e agricolas.

Lições de Física do curso geral dos liceus e escolas normais (11.ª Edição).

Um volume de 396 páginas no formato 22x15cm com 400 gravuras. PREÇO—1\$200 réis.

Este compendio, dividido pedagogicamente em pequenas lições, foi preferido por unanimidade pela Comissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundario apresentados no concurso de 1899, e segundamente mandado adotar em todas as liceus por Decreto de 17 de novembro publicado no Diario do Governo n.º 261 do mesmo ano. Foi novamente proposto para o ensino no curso geral dos liceus pela Comissão official no concurso de 1909 (D. do G. n.º 192).—Cada lição é acompanhada de um questionario que substitue a presença de professor e facilita a revisão das materias estudadas. Além disto, tambem no fim de cada lição, em cuja matéria podem ter logar applicações numericas, se encontram enunciados problemas muito facéis que notavelmente contribuem para a clara compreensão dos assuntos da respectiva lição.—Pelo seu metodo essencialmente intuitivo experimental e pelo seu caracter elementarissimo, este compendio possui particulares vantagens para se adquirirem sem fadiga nem difficuldade as primeiras noções exatas da fisica, encontrando-se por isso adaptado não só ao curso geral dos liceus e ao curso das escolas normais, mas tambem ao ensino ministrado nos seminarios, nas escolas elementares industriais e nas de commercio e agricolas.

Tratado de Física Elemental (8.ª Edição). Um volume de IV-764

páginas no formato 22x15cm com 752 gravuras PREÇO—1\$800 réis.

Este excelente livro de Física foi preferido por unanimidade pela Comissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundario apresentados no concurso geral de 1899, e segundamente mandado adotar em todos os liceus por Decreto de 26 de setembro, publicado no Diario do Governo n.º 218 do mesmo ano. Foi novamente o unico livro proposto para o ensino liceal complementar pela Comissão official no concurso de 1909 (D. do G. n.º 192). Esta edição está inteiramente acomodada á revisão geral do estudo da Física nos liceus de harmonia com as instruções que acompanham os programas do curso complementar, pois que, além das materias novas mencionadas nos programas da 6.ª e da 7.ª classe, contem as materias das classes anteriores, e termina com uma desenvolvida e metódica coleção de problemas numericos acompanhados da indicação dos artigos da doutrina do texto a que se referem e das fórmulas empregadas na sua resolução.

Estas obras, que tem sido preferidas em concursos officiaes de livros de ensino e que estão vulgarizadas nas escolas de Portugal e do Brazil, acompanham os progressos das ciencias fisico-quimicas encontrando-se actualizadas com a inserção das doutrinas sobre as modernas e importantissimas descobertas, tais como a da fotografia das cores, da fotografia através dos corpos opacos ou raios X, das correntes d'alta frequencia, dos radioductores, da telegrafia sem fio e da radioactividade. Os principios e deducções theoricas, as experiencias demonstrativas, as applicações practicas e os problemas numericos, estão expostos por forma que imprimem a estes livros a sua caracteristica clareza e a moderna orientação pedagogica, tornando-os simultaneamente apropriados ao ensino theorico e pratico, á disciplina do espirito e aos trabalhos do laboratorio. São tambem livros uteis fóra dos cursos escolares: o autor da fotografia encontra os conhecimentos suficientes (receitas e preceitos) para principiar a operar com segurança e bom resultado; o t-legalista encontra os conhecimentos das rações dos corpos e da electricidade indispensaveis á sua profissão; e todos os pe-ssões que desejam adquirir noções dos fenomenos de natureza encontram elementos que devem satisfazer ás exigencias do seu espirito. LISBOA: Livraria Fern, R. Nova do Almada, 70. LUGO: Livraria Chardron, R. das Carmelitas, 144. COIMBRA: Livraria França Amado, R. Ferreira Borges, 115.

F. S. SILVEIRA

ANTIGA CASA VIUVA SERZEDELO

Drogas e produtos quimicos, para farmacia e industria

IMPORTAÇÃO DIRETA

16--RUA DOS REMOLARES--18

LISBOA